

ROSA LUXEMBURGO – SUA ATUALIDADE PARA A REVOLUÇÃO¹

Rodrigo Santaella Gonçalves²

Resumo

Escrever um texto sobre alguém que, assassinada há exatos 100 anos, já foi objeto de tantas reflexões, é sempre um desafio. Esse artigo é fruto de algumas reflexões construídas para ministrar um minicurso sobre Rosa Luxemburgo em agosto de 2019, na Universidade Federal do Ceará. Sem a pretensão de originalidade nas reflexões, aceitei o desafio por acreditar na importância do registro escrito para marcar a realização desse evento no ano da centenária efeméride de seu assassinato. Nesse sentido, talvez o mais relevante dessa contribuição seja justamente trazer algumas dessas reflexões coletivas mais contemporâneas tendo o pensamento da revolucionária polonesa como pano de fundo. Isso tampouco é novidade, e se soma às iniciativas e reflexões de excelentes especialistas no pensamento de Rosa, mas de todo modo pode contribuir com as reflexões acerca do momento atual.

Palavras-Chave: Rosa Luxemburgo; Revolução; atualidade

ROSA LUXEMBURGO: SU OPORTUNIDAD PARA LA REVOLUCIÓN

Resumen

Escribir un texto sobre alguien que, asesinado exactamente hace 100 años, ya ha sido objeto de tantas reflexiones, siempre es un desafío. Este artículo es el resultado de algunas reflexiones construidas para dar un curso corto sobre Rosa Luxemburgo en agosto de 2019, en la Universidad Federal de Ceará. Sin pretender ser original en las reflexiones, acepté el desafío porque creía en la importancia del registro escrito para marcar la realización de este evento en el año del centenario de su asesinato. En este sentido, quizás la parte más relevante de esta contribución es precisamente traer algunas de estas reflexiones colectivas más contemporáneas con el pensamiento del revolucionario polaco como trasfondo. Esto tampoco es nuevo, y se suma a las iniciativas y reflexiones de excelentes especialistas en el pensamiento de Rosa, pero en cualquier caso puede contribuir a las reflexiones sobre el momento actual.

Palabras clave: Rosa Luxemburgo; Revolución; actualidad

ROSA LUXEMBURG - HER TIMELINESS FOR THE REVOLUTION

Abstract

To write about someone who, murdered exactly 100 years ago, has been the subject of so many ideas, is always a challenge. This paper is the result of some thoughts built to minister a course about Rosa Luxemburg in August of 2019, at Universidade Federal do Ceará, in Fortaleza, Brazil. Without any pretention of originality, I've accepted the challenge because I believe in the importance of the written record to mark the holding of this event in the centennial anniversary of her murder. In this sense, perhaps the most relevant of this contribution is precisely to bring some of these more contemporary political ideas with Luxemburg's thought as background.

Keywords: Rosa Luxemburg; Revolution; Contemporaneity

¹ Recebido em 16/12/2019. Primeira avaliação em 20/12/2019. Segunda avaliação em 12/01/2020. Aceito para publicação em 26/01/2020.

² Professor do Instituto Federal do Ceará e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará. Doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6190-8966>. E-mail: rodrigossantaella@yahoo.com.br

Introdução

Escrever um texto sobre alguém que, assassinada há exatos 100 anos, já foi objeto de tantas reflexões, é sempre um desafio. Esse artigo é fruto de algumas reflexões construídas para ministrar um minicurso sobre Rosa Luxemburgo em agosto de 2019, na Universidade Federal do Ceará. Sem a pretensão de originalidade nas reflexões e menos ainda de ser um especialista no pensamento de Rosa, aceitei o desafio por acreditar na importância do registro escrito para marcar a realização desse evento no ano da centenária efeméride de seu assassinato.

O texto está organizado mais ou menos da forma como foi ministrado o minicurso: tendo como guia o livro organizado por Isabel Loureiro (2009), “Rosa Luxemburgo – textos escolhidos”, passaremos em ordem cronológica por oito textos fundamentais de Rosa, a saber: Reforma Social ou Revolução (1899); Questões de organização da social-democracia russa (1904); Greve de massas, partido e sindicatos (1906); A acumulação do capital (1913); A crise da social-democracia (1916); A Revolução Russa (1918); O que quer a Liga Spartakus (1918); Nosso programa e a situação política (1918). Nossa ideia será uma breve descrição dos contextos e dos textos (ainda mais resumida que excelente síntese apresentada por Isabel Loureiro) e, principalmente, uma reflexão a partir dos debates construídos no próprio minicurso. Por ser realizado em 2019 e no Brasil, discutimos, a partir de Rosa, a ascensão da extrema-direita no país e no mundo, o balanço das experiências anteriores da esquerda no governo, a conjuntura nacional contemporânea e os desafios que os setores revolucionários têm pela frente. Nesse sentido, talvez o mais relevante dessa contribuição seja justamente trazer algumas dessas reflexões coletivas mais contemporâneas tendo o pensamento da revolucionária polonesa como pano de fundo. Isso tampouco é novidade, e se soma às iniciativas e reflexões de excelentes especialistas no pensamento de Rosa (Cf. MANSILLA, 2019; LOWY, 2019; LOUREIRO. 2019), mas de todo modo pode contribuir com as reflexões acerca do momento atual.

Vivemos um momento muito difícil no Brasil e no mundo. Os efeitos da crise econômica de 2008 continuam se alastrando e as democracias representativas aprofundam suas crises em todos os continentes. As transformações do capitalismo contemporâneo no mundo do trabalho e nas relações sociais – novas formas de

comunicação, cansaço generalizado – trazem desafios profundos para todas aquelas e aqueles que desejam não só compreender a dinâmica da sociedade contemporânea, mas também transformá-la radicalmente.

A esquerda revolucionária, durante todo o século XX, buscou atualizar suas formas organizativas para dar conta do desafio de influenciar o curso dos acontecimentos no mundo. Rosa Luxemburgo contribuiu, mesmo antes do advento do autoritarismo e da burocratização estalinista, para as reflexões sobre a necessidade da democracia e da horizontalidade nas organizações política, e da confiança nas massas populares. Para ela, as organizações políticas não podiam ser engessadas, mas deveriam ser permeáveis à influência da espontaneidade criativa das massas. Do ponto de vista do debate organizativo, a busca de uma análise – e uma proposta – dialética que desse conta da necessidade da organização, mas também do protagonismo das massas, foi talvez sua principal contribuição. As formulações de Rosa, como veremos, buscavam criar condições para que as organizações revolucionárias estivessem abertas à autocrítica e a autotransformação constantes. Tantos erros poderiam ter sido evitados se as concepções de Rosa tivessem se espalhado pelos partidos comunistas mundo a fora ainda no início do século XX!

Atualmente, no contexto de transformações profundas do capitalismo, um dos grandes problemas é uma espécie de obsolescência das organizações políticas. Temos o recrudescimento da desigualdade social e das condições de vida no mundo inteiro, o crescimento de uma extrema direita que flerta com o fascismo, e não parece que a esquerda encontrou formas organizativas capazes de aglutinar os descontentamentos e as tensões de forma a potencializar uma transformação mais estrutural das sociedades e, no limite, uma ruptura completa com o capitalismo.

Como demonstra Loureiro (2009) a relevância do pensamento de Rosa Luxemburgo tem muitos aspectos: a ênfase na criatividade da ação das massas, a importância dada à democracia de base, a defesa do espaço público de debate como antídoto à burocratização, a defesa constante das mais amplas liberdades coletivas e individuais e, como síntese, a defesa de um socialismo radicalmente democrático. Cada um desses aspectos, que aparecerão nas reflexões que faremos adiante, tem contribuição fundamental para pensar não só ‘o que poderia ter sido’ o socialismo no século XX, mas sobretudo para os desafios que ele – ainda, e talvez mais do que nunca – tem para enfrentar no século XXI.

Rosa e a dialética reforma x revolução

Uma mulher de esquerda, judia, imigrante e portadora de deficiência. Se esse perfil enfrentaria inúmeras opressões no século XXI, o cenário era bem pior na virada do século XIX para o XX. E foi nesse contexto que Rosa se tornou uma das marxistas revolucionárias mais importantes do século XX. Nascida em 1871 no seio de uma família judia na Polônia ocupada pelo Império Russo, Rosa logo migrou com eles para Varsóvia. Aos cinco anos de idade, um problema de saúde levou à imobilização de uma de suas pernas, o que a deixaria manca para o resto da vida. Ainda no ginásio, com cerca de 16 anos, entrou para o Partido do Proletariado polonês, que havia em 1882, vinte anos antes da fundação do partido na Rússia. Ali, organizou junto com os dirigentes do partido uma greve geral, que terminou com quatro lideranças mortas. Aos 18 anos, Rosa é obrigada a fugir para a Suíça para não ser presa por suas atividades militantes. Lá, estuda ciências sociais aplicadas e conclui o doutorado aos 27 anos, com uma excelente tese sobre o desenvolvimento industrial na Polônia. No mesmo ano – 1898 – muda-se para Berlim, a partir de um casamento de faixada. É aqui que começa a trajetória que tornaria Rosa uma pensadora clássica no seio da esquerda, e pela qual passearemos nesse trabalho.

Como bem afirma Francisco Weffort, dizer que um pensador é clássico “significa dizer que suas ideias sobreviveram ao seu próprio tempo e, embora ressonâncias de um passado distante, são recebidas por nós como parte constitutiva da nossa realidade” (WEFFORT, 2011, p.9). Se essa reflexão vale para pensadores nascidos no século XV, como Nicolau Maquiavel, ele é ainda mais pertinente para aqueles que pensaram um passado menos distante. Rosa lida com um mundo cujos dilemas permanecem os mesmos: continua havendo desigualdade social profunda, exploração entre os seres humanos, divisão de classes sociais e, principalmente, o capitalismo continua se desenvolvendo de forma destrutiva. Por outro lado, a esquerda continua se debruçando sobre as possibilidades da revolução, sobre a necessidade ou não de fazer alianças, sobre as possibilidades de democracia interna nas organizações e sobre a possibilidade da existência de um socialismo radicalmente democrático. Se Rosa é um clássico do pensamento político em geral, no campo da esquerda marxista isso é ainda mais forte: Rosa é imprescindível.

Embora sua tese de doutorado seja um trabalho muito consistente sobre a industrialização na Polônia no século XIX, seu primeiro texto de impacto é “**Reforma Social ou Revolução**”, de quando havia recentemente chegado a Berlim. O Partido Social Democrata alemão (SPD) era a organização revolucionária mais importante da Alemanha, a uma das mais fortes da Europa. Na sua direção estava Eduard Bernstein, amigo de Engels e executor testamentário de Marx, que formulara recentemente uma série de teses com o objetivo de revisar elementos da teoria marxista que ele julgava atrasados. Bernstein defendia, com base em questões conjunturais, a tese de que o capitalismo havia desenvolvido mecanismos de adaptação constante que impediriam as crises futuras, tornando sua evolução contínua e pacífica e, portanto, era necessário abandonar a retórica revolucionária e investir todas as energias nas lutas parlamentares por reformas. Assim o proletariado se fortaleceria e poderia chegar ao poder pela via eleitoral, de forma pacífica.

Reforma Social ou Revolução é um compilado da resposta de Rosa Luxemburgo às posições de Bernstein, publicado na íntegra em 1899. Seu argumento central, bastante conhecido, é que reforma e revolução não se opõem: as reformas serviriam para educar politicamente o proletariado, mas nunca resolveriam por si as contradições do capitalismo. As reformas seriam, para Rosa, o meio para atingir o objetivo revolucionário, que seria o fim de qualquer organização marxista. Para ela, a única coisa que diferenciava os socialistas dos chamados burgueses radicais e dos democratas burgueses era justamente os fins de seu movimento. Quando Bernstein tentava opor reforma e revolução, afirmando que o ‘fim’ dos socialistas seria o próprio movimento, Rosa demonstra que essa tese na verdade é o abandono dos próprios objetivos e da identidade do socialismo. No âmago dessa discussão estaria a questão – central para os marxistas – do caráter pequeno-burguês ou proletário do movimento operário.

A linha argumentativa de Bernstein parte da ideia de que o colapso geral do capitalismo aparecia como algo cada vez menos provável. Ao passo que a produção se diferenciava mais e mais, as crises gerais tenderiam a desaparecer, a classe média cresceria e permaneceria, e haveria uma melhora da situação econômica e política do proletariado, a partir dos resultados da luta sindical. Rosa, em sua resposta, argumenta que o fundamento científico do socialismo é baseado em três resultados principais do desenvolvimento capitalista: 1) a anarquia crescente da economia

capitalista leva a uma ruína inevitável; 2) a socialização crescente do processo de produção cria os germes do regime social futuro; e 3) o poder de organização e o nível de consciência de classe do proletariado são crescentes. Quando Bernstein põe em xeque o primeiro desses pilares, o socialismo deixa de ser *objetivamente necessário*, e na perspectiva da revolucionária polonesa aí residiria o principal problema analítico das formulações de Bernstein.

No fundo, Bernstein concebia a democracia como uma etapa inevitável do desenvolvimento da sociedade moderna. Era como se o capitalismo resultasse naturalmente em uma democracia plenamente desenvolvida. Rosa, de forma perspicaz, demonstra primeiro que houve democracia em diversas formações sociais completamente diferentes do capitalismo, e segundo o próprio desenvolvimento capitalista prescinde da democracia sempre que necessário.

Não se pode estabelecer, entre o desenvolvimento capitalista e a democracia, qualquer conexão geral absoluta. A forma política resulta sempre do conjunto dos fatores políticos – internos e externos – e dentro de seus limites cabem todos os graus da escala, desde a monarquia absoluta até a república democrática. (LUXEMBURGO, 2009, p.25).

Rosa percebia que na fase imperialista do capitalismo – justamente quando ela escrevia – a democracia já tinha se tornado totalmente supérflua e desnecessária para a manutenção do sistema. Ela dizia que o único apoio real à democracia naquele momento era o movimento operário socialista. Por isso, a tese de que a democracia se tornaria mais viável quando o socialismo abandonasse seus objetivos revolucionários era, para ela, absurda. Ao contrário, a democracia se tornaria mais forte na medida em que a luta pelos fins revolucionários se fortalecesse. A luta por reformas e a defesa da revolução seriam complementares, fatores diferentes de um mesmo processo.

Para Rosa, a democracia é necessária para o proletariado! Ela nunca tornaria supérflua a luta revolucionária, justamente porque ela cria as condições para que essa luta aconteça de fato. A reflexão de Rosa é muito interessante para pensar a contemporaneidade. Primeiro, nunca foi tão nítido que o capitalismo prescinde da democracia sempre que necessita. A crise econômica de 2008 trouxe como resposta, em países por todo o globo, medidas de austeridade aplicadas principalmente à força contra as populações. Como consequência desses processos, governos de extrema-direita e com pouquíssimo apreço pela democracia foram eleitos em diversos lugares.

Por outro lado, revoltas sociais crescentes marcam o cenário da América Latina e da Europa. Essa crise mundial da democracia liberal (Cf. TRAVERSO, 2018; LEVITSKY & ZIBLATT, 2018; CASTELLS, 2018) é justamente uma amostra disso. E, novamente, nesse cenário, são as classes subalternas que resistem e buscam aprofundar as formas de participação democrática, ainda que na enorme maioria dos casos sem conexão com uma perspectiva revolucionária mais organizada.

Enquanto Bernstein associava capitalismo e democracia e negava que o sistema capitalista entraria em colapso, Rosa insistia – de forma inclusive um tanto dogmática, o que mudaria nos anos vindouros – que o caminho objetivo do sistema capitalista era o colapso, por conta de suas próprias contradições, e que esse colapso levaria ao socialismo. Contra o revisionismo de Bernstein, Rosa cumpria o papel de defender uma certa ortodoxia naquele momento (tarefa que abandonaria rapidamente). A partir dessa discussão de Rosa com Bernstein, refletindo no século XXI, é fácil perceber que, de fato, o capitalismo está levando a humanidade a um colapso, perceptível mais diretamente a partir das questões ambientais. Entretanto, nada garante que o colapso do capitalismo gere uma sociedade socialista – e aqui a marca do dogmatismo de Rosa – e de boa parte dos intérpretes de Marx – naquele período é sentida. O capitalismo pode simplesmente levar à barbárie, a um colapso geral, sem que cheguemos a ter uma experiência socialista para colocar no lugar. Assim, é fundamental pensar como podemos construir de fato essa experiência, sem esperar que teleologicamente ela se apresenta para nós como uma determinação do destino.

A organização como fruto das lutas

Em “Questões de organização da Socialdemocracia Russa”, de 1904, depois da derrota do revisionismo no Congresso da II Internacional, Rosa deixa de cumprir o papel de defesa da ortodoxia para começar a incomodar com sua crítica pesada o “mainstream” do pensamento político comunista. É aqui que surge uma polêmica importante com Vladimir Lênin, sobre a melhor forma de se organizar o partido revolucionário. Enquanto o dirigente russo defende a ideia de um partido de vanguarda hierarquizado e centralizado como melhor tipo de instrumento para construir a revolução, Rosa prefere um partido de massas mais horizontal.

Em linhas muito gerais, Lênin via, para a construção da revolução em condições precárias de atuação política, a necessidade de um partido centralizado com capacidade de decisão e organização muito concentrada no comitê central: o Comitê e o Estatuto seriam também as fortalezas para se defender do oportunismo interno. Ele dizia que os oportunistas sempre se usavam do “democratismo” para fazer valer suas posições minoritárias no interior da organização. Rosa rebatia afirmando que o oportunismo não tem preferência por nenhum tipo de organização específica, já que por definição dança conforme a música, conforme as oportunidades. O oportunismo não viria de falhas estatutárias ou de funcionamento, mas sim do afluxo de elementos burgueses e pequeno-burgueses no partido operário, e das próprias limitações e contradições da classe trabalhadora. Portanto, não seria um comitê central forte nem um estatuto rígido que resolveriam esse problema: apenas a formação política da massa em ação, sua elevação do nível de consciência, seria capaz de eliminar os possíveis oportunismos.

Para ela, não haveria risco maior do que o centralismo burocrático, que trata de domar as massas ao invés de construir com elas. A socialdemocracia, para Rosa, era o primeiro movimento que efetivamente podia e devia contar com a ação autônoma das massas. A criatividade das massas em luta era necessária, e por isso a centralização política não poderia se fundar numa obediência cega às direções, nem em uma subordinação mecânica. Se existem setores mais conscientes no seio da classe trabalhadora, o papel da organização nunca pode ser o de criar, a partir de hierarquias solidificadas, barreiras entre esses setores e os menos conscientes. Era, para ela, muito mais proveitoso apostar em um tanto de espontaneidade das massas do que confiar cegamente na capacidade de decisão da direção política. A organização seguia sendo necessária, mas ela deveria impulsionar a ação e o pensamento das massas, não impor uma direção mecânica.

Quando defende uma disciplina estrita, Lênin afirma que a disciplina fabril do capitalismo dá ao trabalhador condições para seguir a disciplina partidária. Rosa acha isso um absurdo completo, já que “não é partindo da disciplina inculcada nele pelo Estado capitalista (...) que o proletariado pode ser educado para a nova disciplina, a autodisciplina voluntária da social-democracia” (LUXEMBURGO, 2009, p.42). De fato, a crítica de Rosa é profunda e coloca muitos elementos para pensar. Mas se naquele momento era razoável – embora para Rosa equivocado – pensar que a disciplina

imposta pelo capitalismo poderia ajudar na organização da classe trabalhadora, o fato é que um dos elementos organizativos do proletariado era seu encontro cotidiano na fábrica. A lógica do trabalho comum, da convivência, fazia com que fosse possível e mais fácil organizar a classe trabalhadora. Nesse sentido, o que Rosa pensaria do individualismo extremo inculcado na classe trabalhadora contemporânea – ou no precariado (Cf. BRAGA, VER) – com o processo de uberização geral (Cf. ANTUNES, 2018) do mundo do trabalho? Cada trabalhador, agora sem direitos e sem espaço comum de trabalho, se sente um pequeno empreendedor autônomo, desconectado de seus semelhantes. Assim, se naquele momento Rosa já desacreditava da ideia de que o senso comum capitalista pudesse ajudar, hoje seguramente sua crítica seria ainda mais dura.

O fato é que as maiores organizações revolucionárias do século XX, com destaque para o partido bolchevique na Rússia, souberam se aproveitar da dinâmica da classe trabalhadora no capitalismo (não necessariamente de sua “disciplina”) para transformar isso em potência mobilizadora. Comitês Centrais fortes contribuíram para uma capacidade rápida de decisão e de ação unitária quando necessário. Entretanto, a separação entre a vanguarda e as massas, tão criticada por Rosa, abriu caminho para os processos de burocratização e para o advento do autoritarismo (que se materializaria sobretudo no estalinismo, mas não só nele). Rosa atentou para isso muito cedo, e suas contribuições são fundamentais para pensar ainda hoje uma esquerda que segue tendo dificuldade de criar proximidade orgânica com as massas, por muitas vezes não confiar em sua capacidade de formulação.

Atualmente, a exploração capitalista se dá numa diversidade diferente de formatos, e a organização produtiva fabril está cada vez menor proporcionalmente ao conjunto do mundo do trabalho. Por outro lado, as revoltas e a indignação continuam prementes, o que faz com que boa parte delas se manifeste por meio de irrupções autônomas – como vimos no Brasil em 2013, mas também em diversos outros processos pelo mundo – com as quais a esquerda revolucionária marxista tem bastante dificuldade de dialogar. Há efetivamente um déficit organizacional e um apego a tradições criadas para um tipo de capitalismo diferente do que vivemos atualmente. Nesse sentido, uma das principais lições de Rosa está justamente nesse texto de 1904:

E, por fim, precisamos admitir francamente: os erros cometidos por um movimento operário verdadeiramente revolucionário são, do ponto de

vista histórico, infinitamente mais fecundos e valiosos que a infalibilidade do melhor “comitê central”. (Id.ibid., p.46).

Nesse mesmo bojo de reflexão, surge “Greve de Massas, Partido e Sindicatos”, outro texto clássico da revolucionária polonesa, feito a partir de sua experiência de acompanhar a revolução russa de 1905 de perto. Rosa aqui argumenta que a dialética entre política e economia, entre organização e espontaneidade, se expressa justamente na greve de massas como instrumento de luta política. A experiência revolucionária concreta fortaleceu nela a ideia de que as grandes transformações da história não são fabricadas pelas organizações políticas – embora elas tenham papel importante – e que a consciência de classe é criada muito mais na ação política do que na leitura dos textos teóricos marxistas e panfletos revolucionários. A greve de massas é um processo que não pode ser controlado pelas vanguardas: o partido não começa o processo de greve quando bem entende, e o elemento espontâneo cumpre um papel fundamental, seja de propulsor ou de freio do processo.

Esse fato não é motivado por a social-democracia russa ser ainda jovem e franca, mas porque em cada ato particular da luta tomam parte uma infinidade de fatores econômicos, políticos e sociais, gerais e locais, materiais e psicológicos, de tal maneira que nenhum deles pode ser definido ou calculado como um exemplo aritmético. Mesmo se o proletariado, com a social-democracia à cabeça, desempenhar o papel dirigente, a revolução não é uma manobra do proletariado, mas uma batalha que se desenrola enquanto à sua volta desmoronam e se deslocam sem cessar todos os alicerces sociais. Se o elemento espontâneo desempenha um papel tão importante na greve de massas na Rússia, não é porque o proletariado russo seja “deseducado”, mas porque as revoluções não se aprendem na escola (LUXEMBURGO, 2009, p.58).

Aqui entra novamente um ponto chave sobre concepção de organização. A concepção rígida e burocratizada – que costuma subestimar o papel da massa proletária desorganizada e superestimar o papel da própria organização e sobretudo de sua direção política – acredita que a greve de massas ou a luta em geral só acontece a partir de uma organização forte e eficiente, que dirija o processo. Mas, ao contrário, para Rosa, a evolução dialética, viva, faz nascer a organização a partir das próprias lutas: a organização é o produto da luta social, não a causa dela. Se essa discussão poderia fazer crer que Rosa não considera importante o papel da organização política – logo ela, sempre militante e dirigente de partidos – não é esse o caso. Ela afirma que a organização tem um papel muito importante e não deve ficar de braços cruzados diante de nenhuma conjuntura. Ela deve buscar precipitar os

acontecimentos e, a partir do contato direto com a classe, contribuir com a construção da tática e dos objetivos da luta. De todo modo, a ideia de que a ação revolucionária forma mais a classe trabalhadora do que qualquer outra coisa é fundamental, inclusive para pensar a importância das manifestações contemporâneas, muitas delas sem uma dinâmica de organização tradicional como principal sustentação.

Em 1906, quando volta a Berlim, Rosa começa a divulgar e defender ao máximo sua concepção de organização e de greve de massas, e vai se tornando uma referência intelectual cada vez maior no SPD. Entretanto, começa a desagradar boa parte das direções do partido e inicia um processo de afastamento, por ser considerada excessivamente radical. Nesse processo ela é isolada politicamente, e a enviam para ministrar um curso sobre economia política para membros do partido, o que ela fará até 1914. Desse curso, surgem reflexões econômicas que seriam importantes contribuições para o marxismo, sistematizadas principalmente no texto “A acumulação do capital”, de 1913.

Nesse texto, o que há de mais interessante para as reflexões do mundo atual é a percepção de que o capital necessita das regiões que estão fora do seu escopo de atuação para se expandir e crescer. O capital precisa expandir seus próprios limites espalhando processos de “acumulação primitiva” pelo mundo, expropriando recursos naturais, expandindo fronteiras agrícolas, etc. Sem as forças e os recursos dos outros sistemas (pré-capitalistas), o sistema do capital encontra limites estruturais – e aqui está uma de suas contradições fundamentais: quanto mais se expande, mais chega perto dos seus limites. Daí a luta altamente violenta do capital contra formas de economia natural ou de subsistência: ele precisa subjugar ou destruir essas formas para poder crescer. O militarismo, aqui, ganha destaque para Rosa, tanto por sua função de implementação da violência no processo de expansão do capital quanto pelo fato de que ele realiza capital em si mesmo, servindo como fonte de investimento. De novo, aqui, a atualidade do pensamento de Rosa chega a assustar: um dos grandes desafios dos setores subalternos dos países periféricos atualmente é o de preservar seus recursos naturais e os direitos dos povos originários. Por outro lado, o militarismo segue sendo uma das marcas principais do desenvolvimento do capitalismo contemporâneo. A expansão do capital com a busca da mercantilização de todos os aspectos da vida humana e da natureza aliada à violência exacerbada

talvez seja a principal marca dos conflitos contemporâneos nos países periféricos do globo.

Uma Rosa que fala com o futuro

Os dois próximos textos que analisamos – A crise da social-democracia (1916) e A revolução russa (1918) – têm como seus principais méritos elementos importantíssimos de balanço das experiências históricas das organizações revolucionárias da classe trabalhadora e do processo concreto, ainda em seu início, de revolução na Rússia. Em tempos de pouca relevância social da ideia do comunismo, como os que vivemos no século XXI, os balanços de Rosa podem ser surpreendentemente úteis, mesmo tendo sido escritos há pouco mais de cem anos. Na primeira reflexão, Rosa faz uma crítica veemente e profunda à capitulação da socialdemocracia alemã à burguesia nacional, com o apoio à aprovação dos créditos de guerra em agosto de 1914, o que contrariava todas as posições históricas anteriores do partido. Para Rosa, aquilo foi o fim da derrocada do SPD, que era a ponta de lança do proletariado internacional, e representou também um duro golpe nas possibilidades de uma revolução comunista internacional. A partir dessa capitulação, ela passa a liderar um grupo de oposição dentro do partido, chamado Spartacus. Escreve “A crise da Social-Democracia” para acertar contas com a II Internacional e com o proletariado alemão.

Rosa descreve a capitulação do SPD como um erro brutal e trágico, mas afirma que o proletariado deve aprender com sua experiência histórica. Faz um histórico interessantíssimo das formas de luta do proletariado, e demonstra que o SPD era a principal referência do proletariado internacional, o que tornava ainda mais grave o erro cometido nesse momento. A autocrítica da socialdemocracia alemã era imprescindível para salvar as perspectivas internacionais do socialismo. A guerra destruía o mundo e as ilusões com o capitalismo, e poderia ser uma grande oportunidade para o proletariado internacional, mas a capitulação do proletariado alemão atrasaria muito o processo.

A ênfase de Rosa na importância da autocrítica e na importância da experiência histórica para a evolução da consciência do proletariado alemão tem muito a ensinar para pensarmos a experiência histórica da classe trabalhadora brasileira, por exemplo. Guardadas as devidas proporções, as capitulações da direção do

proletariado brasileiro também parecem ter causado consequências gravíssimas para a luta social no país e, nesse sentido, as reflexões luxemburgistas a partir da crítica ao SPD alemão podem ser um excelente mote para compreender a necessidade e a importância da autocrítica por parte daqueles setores à esquerda que dirigiram o país por pouco mais de uma década no início do século XXI.

Em “A Revolução Russa”, formado por notas redigidas na prisão em setembro de 1918, Rosa detecta o que seriam os principais limites do processo soviético, e logo os associaria à tragédia do proletariado alemão. Como sabemos, revolução e democracia jamais andavam separados para ela, e o processo de autoeducação das massas era fundamental, o que fez com que muito rapidamente ela percebesse alguns limites no processo revolucionário russo, especialmente relacionados à democracia interna. O texto fala de outras questões, como a discussão sobre a autoemancipação dos povos, mas optamos por focar nas discussões sobretudo sobre democracia.

Rosa critica basicamente três aspectos que ela considerava antidemocráticos do processo revolucionário soviético. Primeiro, a dissolução da Assembleia Constituinte. Ela afirma que os dirigentes russos defendiam a realização de uma Constituinte antes da revolução, mas logo depois a dissolveram com o argumento de que ela havia sido formada numa configuração pré-revolucionária, com deputados constituintes que não representavam a nova situação do país. Rosa questiona, então, por que não fizeram outra Assembleia Constituinte. Segundo, a ideia do direito de voto restrito a quem tinha como atividade econômica o trabalho. O objetivo dos revolucionários russos era o de excluir exploradores, mas na situação de crise da Rússia, excluía grandes camadas da população – boa parte do campesinato, desempregados, etc. Por fim, a supressão das liberdades democráticas gerais: liberdade de imprensa, direito de associação e reunião. Para Rosa, diferente das revoluções burguesas, a revolução socialista precisa formar e desenvolver a consciência da classe trabalhadora, das grandes massas, e para isso as liberdades democráticas seriam imprescindíveis.

Liberdade somente para os partidários do governo, somente para os membros de um partido – por mais numerosos que sejam –, não é liberdade. Liberdade é sempre a liberdade de quem pensa de modo diferente, não por fanatismo pela “justiça”, mas porque tudo quanto há de vivificante, salutar, purificador na liberdade política depende desse caráter essencial e deixa de ser eficaz quando a “liberdade” se torna privilégio (LUXEMBURGO, 2009, p.111).

Nesse sentido, o erro fundamental da teoria de Lênin e Trotsky, da perspectiva de Rosa, era opor ditadura e democracia. Para ela, a ditadura do proletariado pressupunha a democracia, jamais poderia prescindir dela, e vice-versa. A ditadura seria nada mais do que a forma de impor algumas transformações econômicas estruturais, que não seriam jamais aceitas pelas camadas burguesas. Mas essa ditadura deveria ser necessariamente obra da classe, e não de um pequeno grupo.

A democracia socialista começa com a destruição da dominação de classe e a construção do socialismo. Ela começa no momento da conquista do poder pelo partido socialista. Ela nada mais é do que a ditadura do proletariado.

Perfeitamente: ditadura! Mas essa ditadura consiste na maneira de aplicar a democracia, não na sua supressão; ela se manifesta nas intervenções enérgicas e resolutas pondo em causa os direitos adquiridos e as relações econômicas da sociedade burguesa, sem o que a transformação socialista não pode ser realizada. (id.ibid., p.116)

Isso significa, então, que Rosa era uma crítica ferrenha da Revolução Russa desde o seu início? Sim e não. Rosa não se posicionava contrária aos revolucionários russos, mas sim com uma espécie de apoio crítico. Ela afirma que eles atuaram nas condições que puderam, e tiveram muito mais coragem do que qualquer outro setor do proletariado internacional, porque ousaram tentar. Parte dos seus limites, inclusive, tinham a ver com o fracasso e a covardia do proletariado alemão. O problema fundamental, para ela, residia no momento em que Lênin e Trotsky, que teriam seguramente agido de maneira diferente se as condições fossem melhores, passaram a querer transformar a “necessidade” da falta de democracia numa virtude, e num elemento teórico. Eles realizaram o que era possível em condições “diabolicamente difíceis”. Mas o perigo começava “quando querem fazer da necessidade virtude, fixar em todos os pontos da teoria uma tática que lhes foi imposta por essas condições fatais e recomendar ao proletariado internacional imitá-la como modelo da tática socialista” (id.ibid., p117).

Rosa escreve tudo isso no curso dos acontecimentos e nos momentos iniciais do processo revolucionário russo. Toda a crítica ao que pareciam ser as sementes de um regime autoritário como terminou sendo a União Soviética dirigida por Stálin estavam colocados ali. Boa parte da crítica à esquerda à União Soviética tem a ver justamente com o processo de burocratização e autoritarismo que marcaram o período estalinista e que, aos poucos, corroeram o sistema.

Os dois textos finais de Rosa, “O que quer a Liga Spartacus” (1918) e “Nosso programa e a situação política” (1918) tratam de sua interpretação daquele momento na Alemanha e do programa político defendido primeiro pela Liga Spartacus, no interior do SPD, e depois pelo recém-fundado Partido Comunista Alemão (KPD). Em novembro de 1918, começaram a surgir conselhos de operários e soldados por toda a Alemanha, e começa a chamada revolução alemã. O imperador renuncia e Friederich Ebert, líder da socialdemocracia, assume como chanceler. A república é proclamada. Sem derramamento de sangue, a Alemanha passa de monarquia para República, mas pouca coisa muda estruturalmente na sociedade. A maioria das lideranças, socialdemocratas, luta para manter a ordem. O antigo chanceler, príncipe Max de Bade, propõe eleições para uma Assembleia Nacional, para construir uma nova constituição. A burguesia alemã apoia, a socialdemocracia apoia, mas a esquerda, primeiro a Liga Spartacus e depois o KPD, defende uma república conselheira, com os conselhos definindo os rumos do país. “Todo poder aos soviets”. Mas os próprios conselhos não eram tão avançados politicamente, e no Congresso de Conselhos escolhem a eleição da Assembleia Nacional como caminho para a transformação.

Logo depois, Rosa e seus companheiros saem do SPD e fundam o KPD. Em 31 de dezembro, em seu discurso no congresso de fundação do novo partido, Rosa busca fazer uma revisão da concepção da socialdemocracia alemã até agosto de 1914, data da capitulação a respeito dos créditos de guerra. Afirma que, já antes daquilo, parlamentares dominavam o partido e o reformismo revisionista acabava sendo majoritário. A defesa era de um programa mínimo, de reformas mínimas. Mas Rosa afirmava que para o KPD não havia programa máximo e mínimo, tudo era parte do mesmo processo. Depois, Rosa analisa a revolução em curso na Alemanha naquele momento. A primeira fase teria ido de 9 de novembro até aquele momento. Na segunda fase, Ebert-Scheidemann com Haase já não tinham mais tanto apoio da burguesia, porque não haviam controlado os setores mais radicais, e perderiam a confiança do povo. A tendência era aumentarem a violência. Se abria uma oportunidade para o KPD e os revolucionários alemães.

Rosa afirmava que o socialismo seria obra dos trabalhadores, não de nenhuma organização em particular, e que a conquista do poder não seria de um golpe rápido, mas sim processual. Ela estava buscando preparar, com aquele discurso, o KPD para

uma luta longa no curso do processo revolucionário alemão. Entretanto, sua previsão sobre a violência crescente estava certa, e esse processo foi interrompido logo. A revolução alemã foi dizimada e, tendo sua vida entrelaçada com o destino do proletariado, Rosa foi junto. Ela foi assassinada duas semanas após o discurso, em 15 de janeiro de 1919.

Considerações finais

Vivemos uma convergência de crises (social, política, ambiental), que alguns já caracterizaram há alguns anos como crise civilizatória. Essa crise traz consigo uma exposição dos limites da democracia representativa liberal burguesa, que não entrega a participação e a distribuição prometidas para as massas e termina sendo alvo de protestos. Ao que tudo indica, desde 2008 se apresenta mais uma crise sistêmica do capitalismo para a qual as soluções apresentadas são, novamente, a retirada de direitos e o “aperto nos cintos” das classes trabalhadoras ao redor do mundo. Por outro lado, não temos alternativa sistêmica apresentada, desde a queda do chamado “socialismo real”.

A ausência mais sentida, nesse cenário, é a dos debates, sejam os mais profundos ou os mais pautados no senso comum, acerca das possibilidades de um mundo comunista ou mesmo de uma alternativa sistêmica ao capitalismo. No entanto, ao que parece, o cenário de crise abre possibilidades de transformações e da gestação de alternativas radicais. Nesse sentido, Rosa Luxemburgo é mais atual do que nunca. Ao construir sua crítica – do ponto de vista da democracia, da confiança nas massas, da horizontalidade – ao processo revolucionário na Rússia, muito antes do desenvolvimento das críticas trotskistas, antecipou muito do que seriam os problemas daquela experiência, que hoje cobram uma conta caríssima para os anticapitalistas mundo a fora. O pensamento vivo de Rosa é uma das provas de que é possível pensar em chave revolucionária, radical, sem coadunar com o autoritarismo em nenhum aspecto. Qualquer alternativa sistêmica contemporânea tem que dialogar com uma realidade em que as pessoas demandam capacidade de decisão, protagonismo. Qualquer organização revolucionária adequada aos tempos atuais deve ter capacidade de reinvenção constante, em diálogo com a dinâmica da luta de massas, que hoje se transforma muito mais rapidamente do que há um século.

Rosa teve insights, no início do século XX, que ainda podem servir como mote para pensarmos em como dar conta de muitos dos nossos desafios do início do século XXI. Se o século XX foi a era dos extremos, provavelmente o século XXI será a era do fim das ilusões. A máxima “socialismo ou barbárie” pode e deve ser atualizada. De um lado a barbárie segue firme como caminho natural da inércia capitalista, hoje reforçada pela percepção do colapso ambiental iminente. Por outro lado, a alternativa socialista só tem sentido se pensada, como em Rosa, de forma radicalmente democrática, desburocratizada e, sobretudo, orientada pela dinâmica das massas. Rosa nos ajuda a pensar a dialética entre a necessidade da organização política e a autonomia das massas, numa chave que pode contribuir para que as organizações de esquerda partam das lutas de massas realmente existentes para buscar a transformação radical, e não legitimem apenas aqueles processos hegemônicos ou dirigidos por elas de antemão.

Rosa nos ensina a aprender com as massas em luta, e a aprender na própria luta. Que os ventos de mobilização espontânea que voltaram a tomar conta de diversos lugares do mundo – inclusive na América Latina – em 2019, no centenário da morte de Rosa, possam se conectar com as aspirações revolucionárias das organizações de esquerda. E, sobretudo, que essa dialética faça surgir, de baixo para cima, um outro projeto de mundo capaz não só de negar o capitalismo de forma sistêmica como de apresentar uma alternativa factível. Seguramente essa alternativa deve ser ecossocialista, libertária e igualitária. E, diria Rosa, será o único caminho para evitar a barbárie completa.

Referências

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviço na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018;

BRAGA, Ruy. **A rebeldia do precariado**. São Paulo: Boitempo, 2017;

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018;

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018;

LOUREIRO, Isabel. **Rosa Luxemburgo: textos escolhidos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009;

LUXEMBURGO, Rosa. Reforma Social ou Revolução? (1899). In: LOUREIRO, Isabel (org). **Rosa Luxemburgo: textos escolhidos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009, pp.11-36;

_____. Questões de organização da social-democracia russa (1904). In: LOUREIRO, Isabel (org). **Rosa Luxemburgo: textos escolhidos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009, pp.37-46;

_____. Greve de massas, partido e sindicatos (1906). In: LOUREIRO, Isabel (org). **Rosa Luxemburgo: textos escolhidos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009, pp.47-66;

_____. A acumulação do capital (1913). In: LOUREIRO, Isabel (org). **Rosa Luxemburgo: textos escolhidos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009, pp.67-76;

_____. A crise da social-democracia (brochura de Junius) (1916). In: LOUREIRO, Isabel (org). **Rosa Luxemburgo: textos escolhidos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009, pp.77-100;

_____. A Revolução Russa (1918). In: LOUREIRO, Isabel (org). **Rosa Luxemburgo: textos escolhidos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009, pp.101-118;

_____. O que quer a Liga Spartakus? (1918). In: LOUREIRO, Isabel (org). **Rosa Luxemburgo: textos escolhidos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009, pp.119-130;

_____. Nosso programa e a situação política (31 de dezembro de 1918). In:

LOUREIRO, Isabel (org). **Rosa Luxemburgo: textos escolhidos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009, pp.131-152;

LOWY, Michael. Rosa Luxemburgo e Marielle Franco foram assassinadas porque incomodavam. In: **Blog da Boitempo**, 15/01/2019. Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/2019/01/15/michael-lowy-rosa-luxemburgo-e-marielle-franco-foram-assassinadas-porque-incomodavam/>

MANSILLA, Roberto. Um marxismo esquecido, Rosa Luxemburgo cem anos depois: por que devemos voltar ao seu pensamento? In: **Esquerda online**, 15/01/2019. Disponível em <https://esquerdaonline.com.br/2019/01/15/um-marxismo-esquecido-rosa-luxemburgo-cem-anos-depois-por-que-devemos-voltar-ao-seu-pensamento/>

TRAVERSO, Enzo. **The New Faces of Fascism. Populism and the far right**. New York/London: Verso, 2018;

WEFFORT, Francisco. **Os Clássicos da Política, Vol. 1**. Rio de Janeiro: Ática, 2011.